

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 179 — Domingo, 11 de Novembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO
FABRICA DE CARIMBOS
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

EM DEFESA da arte e da cultura

EM razão Diogo de Macêdo, em entrevista recente, ao lembrar que o País, quer o Portugal continental, quer o ultramarino, está hoje povoado de dezenas e dezenas de estátuas, de monumentos, de magníficos, artísticos edifícios e que, graças ao desafio económico da vida do Estado, a arte tem conhecido, nas

As Comemorações da C. P. ...

DESLEIXO ou hábito?

COM o pequeno intervalo de dois dias, registaram-se dois desastres ferroviários nas proximidades de Loulé, — se é que, em matéria ferroviária, o termo «proximidade» pode aplicar-se em relação a Loulé...

O certo é que, com uma insistência deplorável, tivemos que aceitar o facto, com todas as suas lamentáveis consequências e incómodos — e, graças a Deus, sem feridos nem mortos a registar.

Visto estarem a decorrer presentemente os festejos comemorativos do primeiro centenário do Caminho de Ferro em Portugal, não sabemos se, na impossibilidade de a C. P. cumprir a promessa formal do sr. eng. Espregueira Mendes, de dotar o Algarve com automotoras rápidas para a sua ligação com a Capital, as ocorrências verificadas para as bandas da simpática «Tia Anica» constituem a nossa participação (do Algarve...) nas comemorações da C. P.

No caso de os acidentes ocorridos constituírem a quota parte que nos cabe nos festejos, gostaríamos de que alguém o confirmasse, para atrair os indispensáveis foguetes.

Mas, se não houver «festa» a registar, e atendendo à repetição da cena, gostaríamos de saber se se trata de vulgar manifestação de desleixo — ou apenas de um novo «hábito» nas comunicações ferroviárias algarvias...

Quem poderá informar-nos?

O jornalista JORGE RAMOS

agraçado pelo Governo do Brasil

Na Embaixada do Brasil, efectuou-se a cerimónia da entrega da condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul ao jornalista Jorge Ramos. O sr. ministro Câmara Canto, em breves palavras pôs em relevo os serviços prestados ao Brasil pelo agraciado, afirmando quanto o satisfazia ser ele, na ausência do embaixador Heitor Lira, quem fazia a aposição das insígnias do mais alto galardão do seu país. Assistiram à cerimónia numerosos escritores e jornalistas, funcionários da Embaixada e o cônsul e vice-cônsul do Brasil, drs. Rui Barreto e Ernesto Ferreira.

CONTOS, NOVELAS E TIPOS ALGARVIOS

A CIGANA "BUENA DICHA"

OS ciganos algarvios são, geralmente, comuns em Portugal e em Espanha, mormente, na província de Andaluzia e do Algarve. Todos falam um idioma meio português e meio espanhol, e tanto podem ter nascido aquém como além Guadiana.

«Buena Dicha» diz-se ter nascido pelo S. Pedro, debaixo da ponte do Rio Seco, na saída de Faro para Olhão. No outro dia começou a acompanhar seus pais na caravana, de feira em feira, no negócio de burros, de muarens e cavalos velhos, passando metade da sua vida no dorso deles.

Aos doze anos, morreu-lhe o pai e ela teve de ajudar sua mãe a criar os irmãos, lendo pelas feiras e mercados a «buena di-

últimas três décadas, caminhos de progresso que raro conheceu em outros tempos. Mas tem igualmente razão ao lamentar que da Exposição «Trinta Anos de Cultura» se não tenha feito completo e circunstanciado catálogo. Quando, daqui a algum tempo, da exposição só restar a memória, não faltará quem queira reeditar a infeliz argumentação com que se procurou, em raros cenáculos, denegrir não só o seu mérito espectacular como também o seu profundo e vasto significado.

A falta de catálogo, é de esperar que se editem em volume os discursos, as conferências, as palestras pronunciadas durante este ciclo comemorativo e os depoimentos que de toda a parte vieram trazer o calor de um aplauso sincero, fosse o do poeta Tomaz Kim, o do prof. Medeiros da Fonseca, director da Faculdade de

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

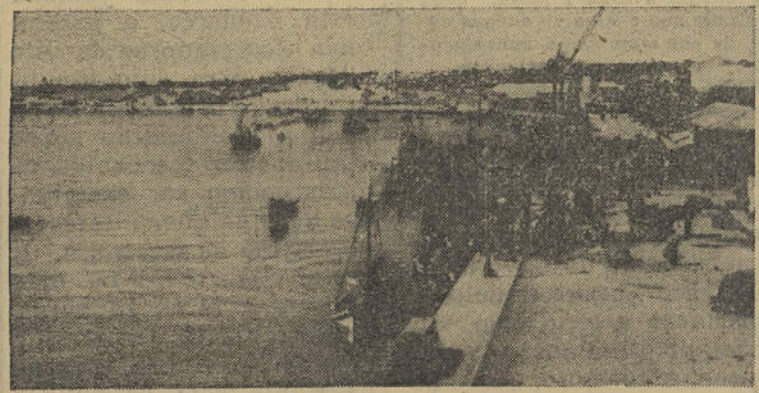
HOMENAGEM ao povo húngaro

NUMA SESSÃO REALIZADA NO MUNICÍPIO LOCAL

Durante a reunião ordinária da Câmara Municipal desta vila, realizada no passado dia 7, pelas 15 horas, foi prestada sentida homenagem ao heróico povo húngaro pelas bárbaras atrocidades de que tem sido vítima por parte dos invasores moscovitas.

A população da vila, a quem foi distribuído um convite pela Câmara Municipal, encheu a sala nobre dos Paços do Concelho e concentrou-se na Praça Marquês de Pombal, onde, por intermédio de alto-falantes, ouviu o discurso do sr. presidente do Município, condenando as violências cometidas na Hungria.

A indústria e o comércio locais suspenderam as suas actividades enquanto se realizou a referida sessão.



A FEIRA DE S. MARTINHO EM PORTIMÃO

REALIZA-SE hoje e amanhã, na encantadora e próspera cidade barlaventina, a tradicional feira de S. Martinho, uma das mais concor-

ridas e animadas do Algarve, a qual, se o tempo, bastante incerto, que tem tornado particularmente desagradável, este ano, o Outono algarvio, o permitir, deve revestir-se de grande luzimento — levando a Portimão, como sucede todos os anos, muitos milhares de forasteiros.

APELO urgente

«CÁRITAS Portuguesa» tem dirigido, através das emissoras e dos jornais, inúmeros apelos a todos os que possam, para socorrer o martirizado povo húngaro, que, nas horas negras e pesadas em que vivemos, é vítima do mais bárbaro e selvático massacre. É verdade que o acolhimento tem sido consolador, mas as necessidades crescem cada vez mais, pois a luta, no ensanguentado solo húngaro, continua com enorme ferocidade.

Sua Eminência o Cardeal Min-

Sousa Nunes

fazer nenhum peso sobre a terra. Deslocava-se com tamanha rapidez, quando a chamavam, que deixava a impressão de quebrar-se pela cintura, caminhando as suas pernas na frente e voltejando o seu leve busto para a direita e para a esquerda, ao mesmo tempo.

As suas graças e atenções distribuíam-se igualmente por todos,

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NOVOS MÉDICOS

Na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e com grande assistência de colegas e Pessoas amigas, defenderam tese de formatura, com grande brilho, tendo obtido excelentes classificações, os seguintes nossos prezados conterrâneos:

Sr. dr. D. Maria das Dores Medeiros Neto Nobre, filha do nosso estimado amigo e assinante sr. dr. João Domingues Medeiros e de sua esposa, sr.ª D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros, e esposa do advogado nesta comarca, sr. dr. Ivo Madeira Neto Nobre;

Dr. Fernando Leonel Viegas Álvares, filho da sr.ª D. Leonilde Viegas Álvares e do nosso estimado amigo sr. Manuel Rodrigues Álvares;

Dr. Diamantino Duarte Baltazar, filho da sr.ª D. Maria Duarte Baltazar e do nosso prezado amigo sr. Diamantino M. Baltazar.

A nova médica fixou residência nesta vila, onde abrirá consultório, e os seus dois colegas vão exercer clínica em Lisboa.

Aos três náveis licenciados, a quem auguramos uma carreira muito auspiciosa, apresentamos as nossas cordiais felicitações, assim como aos seus respectivos pais.

CONTINUA, COM CRESCENTE ENTUSIASMO A ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO DE OFERENDAS

CARINHO e a simpatia com que a população do concelho de Vila Real de Santo António, e muitos dos seus naturais residentes noutras localidades, acolheram o empreendimento de um Cortejo de



ARTISTAS ALGARVIOS

«Meia Légua» — Olhão

Aguarela de Humberto Martins

A FAVOR DO NOSSO HOSPITAL

Oferendas a favor do nosso Hospital, supera, e em muito, as previsões mais optimistas. Honra lhes seja, pelo espírito de compreensão e de solidariedade generosamente evidenciado — e que, dia a dia, continua a manifestar-se, em termos de poder prever-se que o projectado Cortejo venha a constituir a mais eloquente parada de benemerência até agora registada na nossa terra.

De resto, este espírito de compreensão colectivo, que registamos com compreensível regozijo, tem, plenamente, a sua razão de ser: Todos conhecem, não só no nosso concelho como em muitas povoações dos concelhos limítrofes, o que tem sido a notável obra assistencial levada a cabo pela Misericórdia desta vila.

No nosso número ante-

rior, demos à estampa alguns elementos esclarecedores do que foi o movimento de tratamento de

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

Por N. RODRIGUES PENA

PEQUENA sala submersa em luz crepuscular, leves ruídos, o extinto frenesim dum tarde que morre — ruídos confusos, gritos, vozes, a presença lá em baixo, na rua, da corrente humana. Um jarro de flores no centro da sala, espalhando um odor forte, quente, sensual. Livros alinhados nas estantes que sobem até ao tecto, livros espalhados pela secretária, livros apinhados no soalho; nomes, muitos nomes célebres nas lombadas dos volumes: Locke, Hobbes, Maquiavel, Rousseau...

E durante algum tempo, conversámos em silêncio, tímidos, inquietos, como não quiséssemos perturbar a harmonia da hora crepuscular, como se as nossas palavras viessem comprometer a serenidade e a beleza da tarde.

Não nos víamos há muitos anos. Cada um de nós rumara por caminhos diferentes e a vida na sua marcha, nos seus imprevistos sacolejos fizera de cada um de nós pessoas distintas, e até, de certo modo, hostis. O seu prestígio tivera a sua auréola e ganhara as fronteiras, o seu nome fora discutido, as suas palavras ouvidas e meditadas tinham colhido na larga planície da vida as aclamações entusiastas e os vitupérios mais incisivos. Fizera barulho, provocara tumultos, desencadeara paixões. Um dia, o mundo esqueceu o seu nome e, então, soube que esse homem se tinha reduzido voluntariamente ao silêncio, à vida doméstica, aos pequenos prazeres que todo o homem comum saboreia na passagem pela terra. Eu devia-lhe muito do muito pouco que aprendi e jamais esqueceria a fluência do seu verbo, a palavra viva que convence e embriaga, a audácia dum pensamento que, ultrapassando a iconoclastia dum mundo que já não merecia sacrifícios pela sua conservação, anunciava a redenção dum nova vida. Vivi a exaltação desses momentos cénicos e magníficos, em que se comunga nas mesmas aspirações e sonhos, em que o espírito se liberta e eleva para além de tudo o que é mesquinho e vulgar na vida. Tinha-o conhecido na plenitude; agora, na minha frente estava um velho, um homem cansado, talvez céptico, desinteressado.

Não sei a que atribuir esta mi-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

Objectos e algo mais

Os objectos, para mim, são sempre algo mais do que objectos. Valem por qualquer coisa que se lhes prende e é inseparável deles. Quanta vez os estou olhando e não os vejo. Transparentes, embora opacos. Quanta vez não são os objectos mais do que as calhas por onde o comboio segue ao seu destino.

Este, por exemplo. É uma insignificante estatueta de vidro figurando Beethoven. Quero-lhe tanto bem! Por ela, por este rosto amado severo e feio? Não, apenas. Através dele vejo outro semblante. Envelhecido, prematuramente. Pelo alcool, pela velhice e por esse «estar isolado na alma» de que falava Fernando Pessoa. Fora músico, nos bons tempos. No quarto bastiamento havia um baú cheio de papéis de música. A pouco e pouco desfizera-se de tudo. Restava-lhe aquele baú de papéis com garatufas e a estatueta de um rosto torturado.

Morava à minha beira. Quando havia música «boa» no meu rádio, ia tocar-lhe duas vezes rápidas na campainha. Ele vinha, arrastando os chinelos. Ouvia a música e chorava. De emoção ou do vinho ou de saudade ou de não sei o quê, nem ele. Chorava e babava-me o «naperon».

—Deixe lá, senhor Júlio. Ainda o senhor há-de voltar a tocar numa grande orquestra.

—Ora, já não. Primeiro foram as grafonolas e os discos. Agora é isto... Já vê. Antigamente, quando faziam anos ou havia festa, mandavam chamar três ou quatro músicos. Agora liga-se o alto-falante a isto, e pronto... Já vê.

Arrasta as chinelas quase desfeitas e dirige-se para a toca.

Andante com febre

Num dia, o senhor Júlio foi para o hospital. Veto a ambulância buscó-lo. Antes de partir, babou duas palavras ininteli-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Seguiu para Lisboa, onde foi colocado na Caixa Geral de Depósitos C. e P., o sr. Francisco Caraca Cipriano, filho do nosso prezado assinante sr. Manuel Cipriano.

Acompanhado de sua esposa, seguiu para Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. José Pereira de Oliveira, piloto-mor da Corporação de Pilotos desta vila.

Com pouca demora, esteve nesta vila, de visita a sua família, a sr.ª D. Maria do Rosário Borges de Sousa, nossa prezada assinante, residente em Olhão.

Acompanhado de sua mãe, esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o nosso prezado assinante sr. eng. João Eusébio Botequilha.

Está em Lisboa, de visita a sua família, o sr. José Manuel do Carmo Calafate.

Esteve entre nós, com pouca demora, o nosso conterrâneo sr. Francisco Flores Belo, residente em Faro.

Encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Maria da Encarnação Piloto Capa, acompanhada de sua filha, sr.ª D. Laura Capa Hortá Correia e seu esposo, sr. dr. António Virgílio Hortá Correia, nosso prezado amigo e assinante.

Esteve em Lisboa, donde já regressou, a sr.ª D. Francisca Pereira Domingues, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Norberto Bento Domingues, industrial metalúrgico, nesta vila.

Esteve em Campo Maior e em Lisboa o nosso prezado assinante sr. Sebastião dos Santos Silva.

Nascimento

No dia 4 do corrente mês, teve o seu bom sucesso, no Hospital de Lagos, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Zulmira da Silva Cabrita Margarida, filha do sr. José da Silva Cabrita e esposa do sr. Fernando António Margarida.

Casamento

Realizou-se na Basílica da Estrela, em Lisboa, no passado dia 31 de Outubro, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Ana Júdice de Abreu Fialho Calado, filha da sr.ª D. Maria da Piedade Júdice de Abreu Fialho Calado e do abastado proprietário sr. Francisco Luís Fialho Calado, nosso prezado assinante em Portimão, com o sr. dr. João Maria Virgílio Sanches Inglês Esquível, filho da sr.ª D. Maria Francisca Sanches Inglês Esquível e do sr. dr. João Esquível, distinto médico em Faro. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus primos, sr.ª D. Maria Antónia Fialho de Sousa Coutinho Telles da Sylva (Tarouca), e seu marido, sr. eng. D. José Carvajal Telles da Sylva (Tarouca), e por parte do noivo, seus pais.

Aos noivos, que fixaram residência em Lisboa, desejamos sinceramente as maiores venturas.

HOMENAGEM ao dr. João Dias

A Comissão angariadora de fundos para a construção, em Alcoutim, de um busto ao saudoso benemérito dr. João Dias, informa que o referido busto já se encontra em Alcoutim e que brevemente se procederá à sua inauguração e que recebeu mais, para esse fim, os seguintes donativos, que reconhecidamente agradece:

Transporte . . .	32.466\$00
Professor Rufino . . .	20\$00
Rafael Fernandes José	20\$00
Eurico Fernandes . . .	20\$00
Luís da Silva Lopes	
Corvo	20\$00
Manuel Cavaco	30\$00
Avelino Vicente	50\$00
José Vicente	50\$00
Ana Maria Carrasco . . .	2\$50
José António Freitas . . .	30\$00
Vitorino João	50\$00
José Salvador	20\$00
Mário Martins Vicente . . .	20\$00
José António Santana . . .	20\$00
António André	20\$00
António João	30\$00
José Dias	30\$00
Adeia de Odeleite	1.370\$00
A transportar	34.268\$00

Mais agradece a referida Comissão que qualquer donativo para o fim em vista seja enviado o mais breve possível para o presidente da Câmara, comandante do Posto da G. N. R. ou provedor da Misericórdia de Alcoutim.

PELA VILA

Trinta anos depois

Fez, em Setembro findo, trinta anos que, numa tarde cinzenta e de vento agreste, quase toda a população válida da nossa terra veio acompanhar, desde Monte Gordo até ao cemitério da vila, uma figura muito estimada que desaparecera do nosso convívio, a caminho da eternidade — Rodrigo Ferreira Aboim. Hoje, vão os nossos Bombeiros Voluntários, que ele comandou, com grande competência e prestígio, transportar os seus despojos para o jazigo de família na sua terra natal, em Tavira, onde ficará a repousar ao lado da sua devotada esposa, D. Mariana de Sá Aboim e Aboim, prestando-lhe assim uma derradeira homenagem, como sócio-fundador da benemérita corporação e seu comandante dedicado durante dezoito anos.

Aqui manifestamos o nosso preito de respeitosa homenagem à saudosa memória dum insigne filho adoptivo da nossa terra, no momento da trasladação dos seus restos mortais. Que em paz repouse!

Complicações balneares

Existe nesta vila, há vários anos, um balneário público, construído e mantido pela Câmara em benefício da população local, que ali, fácil e economicamente, usufrui as vantagens duma benéfica higiene corporal. Tudo correria no melhor dos mundos com tão importante melhoramento, se não fossem alguns reparos que muitas vezes nos têm sido feitos quanto ao seu funcionamento, e aos quais só agora resolvemos dar publicidade, não desejando, todavia, pôr em causa os zelosos funcionários daquele estabelecimento municipal, mas unicamente chamar a atenção para as anomalias existentes, de fácil remédio, aliás.

Acontece, com certa frequência, no período invernal em que os banhos devem ser quentes, que os utilizadores do balneário, tanto homens como senhoras, se vêem em sérios embaraços no que respeita à temperatura da água, a qual aparece fria, apesar de lhes ter sido afirmado, à entrada, que estava «boa». Ou seja por falta de combustível ou por deficiências na instalação de aquecimento, o caso requer pronto remédio de quem de direito, para atender às reclamações gerais e evitar os compreensíveis aborrecimentos e... constipações dos banhistas.

E, a propósito, dada a crescente afluência que o balneário público vai tendo, porque não se encara a possibilidade de ser ampliada a parte que se destina aos homens? — ou, melhor ainda, porque não se prevê a construção dum outro balneário só para senhoras, deixando o actual para utilização exclusiva do sexo masculino? Seria esta a solução ideal, porquanto a frequência tornar-se-ia ainda maior e os benefícios para o público pomalino estariam mais em relação com as intenções que presidiram à edificação deste útil melhoramento.

Amigos do alho...

Foi assaltado, na noite de 1 do corrente mês, o talho pertencente ao sr. António do Sacramento Machado, no

Mercado desta vila, donde foi subtraído um cofre de ferro contendo 1.600\$00 e mais 500 pesetas, em dinheiro.

Entregue o caso a P. S. P., o sub-chefe do posto local, sr. José Viegas dos Santos, deteve o magarefe Francisco Salvador Guerreiro, solteiro, de 26 anos, natural de Mértola e aqui residente, o qual, depois de hábil interrogatório por aquele graduado policial, confessou ter entrado no talho por meio de arrombamento, apoderando-se dos valores citados. O preso foi entregue ao poder judicial desta comarca.

Também numa barbearia desta vila foi assaltada uma vitrina, que continha um pequeno cofre com dinheiro, do qual desapareceu parte. Imediatamente descoberto pela Polícia, o larápido, que era o encarregado da limpeza da barbearia, foi em seguida entregue em Juízo, tendo confessado só o furto parcial da importância desaparecida.

Incêndio

Na passada segunda-feira, declarou-se incêndio numa arrecadação da propriedade pertencente ao regedor sr. Manuel dos Reis Gimenes, no sítio do Buraco, aonde prontamente acudiram os bombeiros da secção de Cacula, sob o comando do chefe sr. Rodrigues. Como o sinistro assumisse maiores proporções, foi pedido o auxílio da corporação desta vila, que ali compareceu, com o 2.º comandante, sr. Jacinto de Figueiredo, utilizando dois pronto-socorros e um auto-tanque.

Depois de algumas horas de esforços e sempre lutando com falta de água, os dedicados bombeiros conseguiram salvar uma casa anexa e um palheiro adjacente. Os prejuízos não estão cobertos pelo seguro. Fizeram o policiamento do local algumas praças da G. N. R. e da P. S. P., sob a direcção dos comandantes dos respectivos postos. É digna de salientar-se a acção do bombeiro sr. Mário Vitorino, da secção de Cacula, pelos serviços prestados neste sinistro.

Tem-se reparado, nalguns casos de incêndio, que os nossos esforçados bombeiros não chegam ao local tão rapidamente quanto às vezes seria necessário. Devidamente informados, sabemos que este facto se deve a não haver na corporação local um motorista privado, que imediatamente a seguir ao alarme possa conduzir o pronto-socorro. Nestas condições, sempre que há uma emergência, têm de utilizar-se os serviços de qualquer motorista disponível, o qual muitas vezes pode não estar familiarizado com a viatura a conduzir, o que retarda a saída dos socorros.

Também tem sido notada a falta duma campanha de chamadas, no portão do quartel dos bombeiros. Tudo isto seria facilmente remediável, se as verbas indispensáveis fossem cobertas por uma contribuição mais generosa do público para uma instituição que tão bons serviços tem prestado, com a maior abnegação e proficiência.

Iluminação pública

Entraram em funcionamento, no dia 6 do corren-

PROVINCIA

TAVIRA

Festas do Outono, em Lisboa

Lemos nos jornais da Capital que renderam mil contos de receita bruta as Festas do Outono, em Lisboa, e que as despesas orçam por cerca de 500 contos. Por isso, o sr. governador civil reuniu num almoço a comissão executiva das festas e alguns dos mais directos colaboradores, entre os quais os representantes da Imprensa. Verifica-se que na Capital se tem atenção por quem trabalha nestas coisas, ao contrário do que se passa por aqui, quando se fazem festas. Igualmente se verifica que os resultados são logo publicados, quando aqui muitas vezes, nem se chega a saber de resultados...

Campanha de Educação

Somos informados de que já foram atribuídos este ano os donativos da Campanha de Educação, os quais são os seguintes: 50.000 exemplares do livro único de leitura para o ensino primário, no valor de 750 contos, a distribuir por alunos pobres; milhares de volumes da «Colecção Educativa de Adultos»; 70.000 peças de roupa de lã, no valor de 2.000 contos que são igualmente distribuídos pelos alunos pobres; O Ministério de Educação Nacional decidiu ainda atribuir subsídios de 1.500 e 1.700 contos, respectivamente, às caixas e às antigas cantinas escolares, para que estas possam prosseguir na sua acção de assistência. Os C. T. T. ofereceram 350.000 postais com motivos do Natal. O valor total a distribuir é de 6.000 contos. Por aqui se vê o montante desta distribuição da «Campanha de Educação», e fazemos votos para que às escolas, caixas e cantinas locais chegue alguma coisa. Tem a palavra o sr. delegado escolar, para não se esquecer de pedir o que for de direito.

João Marques de Campos

Vindos de Alcácer do Sal, foram depositados na igreja do Carmo os restos mortais do estudante João Marques de Campos, filho da sr.ª D. Maria Joana Marques Campos e do abastado proprietário e lavrador, sr. João Higinho Gonçalves Campos, que foi vítima do desastre de automóvel ocorrido entre Odivelas e o Torrão do Alentejo, conforme a Imprensa noticiou.

Após a missa de corpo presente, realizou-se o funeral, em dos maiores a que assistimos, constituindo grande manifestação de pesar.

O moço estudante, devido ao seu afável trato, gozava de grandes simpatias por parte de quantos o conheciam e com ele privavam.

Os nossos sentimentos à família enlutada. — C.

O «Notícias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

te, mais oito candeeiros de iluminação pública, na Avenida da República, onde já estavam a funcionar os primeiros sete do novo modelo. Fica, assim, aquela importante artéria com uma melhor iluminação, sendo pena, entretanto, que a potência das lâmpadas não seja um pouco maior, sobretudo as do jardim público, facto que já aqui tínhamos apontado. Dizem-nos que tal deficiência só poderá ser remediada quando tivermos aqui a corrente alterna. Será realmente assim?

Melhoramentos no Clube Náutico

Vão ser brevemente inaugurados alguns melhoramentos na sede do Clube Náutico de Portugal (Delegação desta vila), cuja sala foi alargada e todas as instalações beneficiadas. Além disso, dispõe agora de novos balneários, o que representa grande vantagem para os sócios desta simpática agremiação desportiva e recreativa.

Obras Municipais

Iniciaram-se nesta semana as obras de pavimentação e esgotos na rua Pinheiro Chagas, a qual faz parte da zona Sul da vila, que vai ser totalmente reparada, conforme já anunciamos.

ODELEITE

Recordando

Existem nesta aldeia muitas portas com números de polícia, que devem datar de muitas dezenas de anos anteriores: visto os referidos números só se notarem em portas antigas.

Volviendo os olhos ao passado, deduz-se, com facilidade, que outrora houve em Odeleite homens de boa vontade, — e que apesar de instruídos ao uso desse tempo, não esqueciam o que fosse benefícios comuns.

Se a memória não nos falha — foi voz corrente, há poucos anos, que iam ser numeradas todas as portas.

Como tudo o que é louvável esquece depressa, isso também esqueceu, apesar de ser benefício de suma importância.

Existem nesta terra muitos nomes iguais e com facilidade se dá a troca de correspondência, o que causa aborrecimentos ou mesmo prejuízos.

Com uma pequena dose de boa vontade e poucas dezenas de escudos, seria o suficiente, porque não faz sentido que na época actual se notem retrocessos.

Rebusco de frutos...

Já não é a primeira vez que, nas colunas deste jornal, fazemos notar o péssimo hábito que existe do chamado rebusco (rabisco). Ora o rebusco, propriamente dito, é aquele que se pratica depois de o dono ter dado por finda a colheita, e não antes. O que se dá com os frutos dá-se com o material de construção de cestos e canastras.

Particularmente já foi alvitado que se cotizassem todos os proprietários no sentido de arranjar verba suficiente para a manutenção de um guarda (vinheiro, parreiro, etc.).

Depois de o alvitado ser submetido à apreciação das entidades respectivas, por quem de direito, talvez se conseguisse um auxílio para a nomeação de um guarda-campestre, que só daria arrelia aos que rebuscam...

O ideal seria um posto da G. N. R., mas... isso é mais difícil. — C.

Anúncio

(2.ª Publicação)

José Cândido Monteiro, administrador da massa falida de António de Sousa Bonito, cujos autos correm seus termos neste Juízo, pela Secção de Processos, faz público que no dia 22 do corrente mês de Novembro, terá lugar pelas 12 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, a assembleia dos credores da dita falência, para cujo fim ficam desde já convocados, e na qual deliberarão sobre a aprovação das contas, as quais podem ser examinadas por qualquer interessado na Rua de Aveiro, n.º 1, desta vila, todos os dias úteis, das 14 às 16 horas, desde o dia 12 do corrente mês de Novembro, tudo de harmonia com os artigos 1219 e 1220 do Código de Processo Civil.

Vila Real de Santo António, 3 de Novembro de 1966. O administrador da massa falida José Cândido Monteiro

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República — Telefone 12 —

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA
de Vila Real de Santo António
De 3 a 9 de Novembro:

TRAINEIRAS	
Liberta	20.290\$00
Flor do Guadiana	15.640\$00
Tozé	8.030\$00
Flor do Sul	3.950\$00
Total	47.910\$00

A PESCA NO ALGARVE

Devido à grande afluência de peixe na costa Norte do País, que coincidiu com a diminuição de pesca na costa algarvia, grande número de barcos da nossa frota pesqueira deslocaram-se para Matosinhos, onde nos consta abundar a sardinha e cavala.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 3 a 9 de Novembro:

Entrados:

ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Casablanca, com carga em trânsito.
CORVO, Português, de 773 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
IRAN, Alemão, de 524 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.

Saídos:

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
ARBEDO, Suíço, para Livorno e Génova, com conservas.
CORVO, Português, para Ponta Delgada, com sal e figos secos.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 10 a 16 de Novembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Falecimentos

Alberto Vicente da Torre
Vítima de trágico acidente, que conternou profundamente a cidade de Portimão, onde o extinto disfrutava de gerais simpatias, faleceu, naquela cidade, o sr. Alberto Vicente da Torre, casado, proprietário, de 75 anos, pai do nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Alberto Vicente da Cruz, chefe da secretaria da Câmara Municipal de Portimão. A toda a família enlutada, e em especial ao nosso querido amigo sr. dr. Alberto Cruz, apresentamos a sincera expressão do nosso pesar.

D. Ana da Conceição B. Adragão
Em Lagos, onde residia, faleceu a sr.ª D. Ana da Conceição Bravo Adragão, de 86 anos, viúva, mãe do sr. José Vitor Adragão, presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, e avó do agente-técnico de engenharia sr. Vitor Rodrigues Adragão, inspector da zona de Tracção da C.P. e vice-presidente da Câmara Municipal do Barreiro, da sr.ª D. Maria de Lurdes Adragão Anunciada e do sr. eng. António Rodrigues Adragão, do quadro técnico da Câmara Municipal de Lisboa. As nossas condolências.

D. Laura Belo
No passado dia 4 do corrente, faleceu nesta vila, na sua residência, a sr.ª D. Laura Belo, viúva, de 90 anos de idade, natural desta vila.

A extinta era mãe das sr.ªs D. Lucinda Belo, D. Rosa Flores Belo, D. Isabel Flores Belo e do sr. Francisco Flores Belo. A família enlutada, apresentamos sentidos pesames.

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65
— Telefone 76 —
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AÇÕES

De A ELECTRO FABRIL COMPRA:

Manuel dos Santos

APARTADO 13
FARO

CRÓNICA DE OLHÃO APONTAMENTOS SOBRE A VIDA ACTUAL

...E OS dias correm, iguais na sua tranquilidade e moleza: uma indolência de tempos idos para no ar puríssimo deste outono excepcional, que arrefeceu súbitamente, pressagiando acontecimentos tristes, um inverno rigoroso, talvez.

Os grandes periódicos nem se preocupam com o estado do tempo — coisa infima perante os graves dissabores que avassalam o planeta eleito das vontades divinas. Realmente, tudo se complicou de um momento para o outro: revoltas e massacres na Polónia e na Hungria; guerra no Médio-Oriente, de dimensões e resultados assustadores, tendo em vista o número de países que nela entram e entrarão: Inglaterra, França, Egipto, Israel, Síria, Jordânia, Iraque, etc.

Não, não vou comentar os «porquês» destes tremendos litígios. Acho inúteis os comentários quando os factos estão à vista. Prefiro, antes, pensar. Pensar na evolução da humanidade, no que diziam alguns filósofos, poetas e escritores humanistas, no que pensava o jovem Nicolau Rostov quando caiu ferido no campo de batalha: — oh, como o céu está puro e belo! Que sossego! Aquelas arvores... tudo tão calmo! — e, em seu redor, a refrega mais acesa do que nunca, sem que ele se apercebesse sequer do ruído dos canhões e do tropear dos cavalos, que relin-

chavam, apavorados. Tolstoi conhecia a fundo a alma humana e as lutas entre os povos, caro leitor. «Guerra e Paz» é um exemplo vivo, esplendoroso e incomparável do que pode realizar o génio humano.

Por vezes, ao ler o jornal, julgo viver um sonho espantoso, um pesadelo terrífico. Pois quê! Será possível que tudo aquilo ocorra sob esta Natureza que nos dá, como agora, outonos que parecem primaveras nunca imaginadas, — neste Algarve molengão, de campos verdes dormentes, onde a tranquilidade de viver se respira até à embriaguez?...

Tranquilidade. Paz. Açoteias brancas aspirando o cheiro da maresia e expondo ao sol, nos arames esticados, a roupa lavada de há pouco; na ria, os últimos dias da faina da pesca.

Conversas da bola e de fitas, nos grupinhos juvenis. Alguém desconversa: «Oh, já leram o jornal de hoje? O Egipto está bem arranjado...» Curiosidade, expectativa. A' hora da comida todos falam daquilo. As mulheres suspiram e os velhos, triunfantes, exclamam, pela milésima vez, que o mundo está cada vez pior. Depois, o quotidiano, o ramerrão, as preocupações de sempre. «Ai, vizinha, já me cheira a inverno! Deus queira que o meu marido traga algum dinheiro de Matosinhos...» Gatos espreguiçando-se nas ruas estreitas, indiferentes e cheios de sono. Bocejos nos bancos da avenida. «Sempre a mesma coisa! Não há trabalho, nada». Sossego. Paz exterior. Uma vela branca, na ria semi-adormecida. A sirene duma fábrica fere o silêncio e extingue-se num lamento dolorido.

A noite aproxima-se.

Olhão, 5/11/966.

António Macheira

AUTOMÓVEL PEUGEOT

Vende-se um automóvel PEUGEOT «203», de 4 cilindros. Pintura nova, estado de mecânica impecável.

Tratar com José Carlos Delfim — Olhão.



DESPORTO

BASQUETEBOL

CAMPEONATO DISTRITAL

Jogou-se no último domingo a 2.ª jornada do Campeonato de Basquetebol do Algarve, tendo se verificado os resultados seguintes:

**S. C. OLHANENSE, 44
LUSITANO, 26**

Jogo no campo da Majuca, em Olhão.

Árbitro: Marcelino José.
Olhanense: Pité (6), Brito (12), Falcão (1), Nuno (4), Flávio (18), Correia, Laurindo (1) e Martins (2).

Lusitano: Gavino (6), Salas, Andrade (6), Ângelo (4), Branco, (10) e Jara.

O Lusitano fez uma partida muita fraca, jogando mesmo mal, principalmente no primeiro período, em que não conseguiu fazer jogada alguma com jeito.

Na segunda metade, deu mais réplica ao adversário, mas mesmo assim esteve longe do que na verdade vale.

Entretanto, o Olhanense teve jus ao triunfo pois foi mais equipa ao longo da partida, sendo, no entanto, bafejado pela sorte em muitos lançamentos realizados, ao contrário dos lusitanistas que tiveram grande infelicidade na concretização dos lances.

No Olhanense, temos a distinguir: Flávio, Brito e Pité; no Lusitano, todos jogaram abaixo do normal.

A arbitragem não agradou.

**C. F. «Bonjoanenses», 36
«Os Olhanenses», 51**

Jogo no campo do Bom João, em Faro.

Árbitro: Romeu Graça.
Bonjoanenses: Patrício (12), Brito (4), Alcino (7), Adelino, Bernardino (2), Jesuino (1), Azinheira e O'Brien (10).

Olhanenses: Vinhas (18), Madeira (2), Amaro (16), Cunha (13), L. Branco, Serro, Serrano, Hernâni (2), e Guedes.

O triunfo dos Olhanenses foi magnífico, atendendo a que jogaram fora de casa e com um dos sérios candidatos ao título.

Ginásio, 47 — Farense, 15

Jogo no campo da Majuca, em Olhão.

Árbitro: Alfredo Martins.
Ginásio: J. Fernandes, J. Vicente (7), Arcanjo (5), Almeida, Pinto (9), Lázaro, Luis do Ó (24), Alves (2) e Frazão.

Farense: Caronho, Estevinha, Bastardinho (4), Mónica, Ferro, Gago (10), Vau, Gralho (1), Santos, Silvério, Eurico e Armando.

A partida foi de nível muito baixo, pois ambos os grupos jogaram francamente mal, sendo, no entanto, o Ginásio o menos mau dos dois.

No entanto, cremos que ambos podem fazer muito melhor, em comparação com aquilo que realizaram.

S. Salas

Despedida

António da Graça Correia

Na impossibilidade de despedir-se pessoalmente de todas as pessoas suas conhecidas, vem por este meio apresentar as suas despedidas e oferecer os seus préstimos em Faro, na Rua 1, n.º 22, em S. Luís.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE FARO

COMUNICADO OFICIAL

Para conhecimento dos clubes filiados se informa que os sorteios para o «Campeonato Distrital de Juniores» e «Fase de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão», efectuados no dia 30 de Outubro findo, na Associação de Futebol de Faro, com a presença dos delegados dos clubes interessados, deram os seguintes resultados:

Campeonato Distrital de Juniores

- 1.º Domingo — Farense - Silves, em Faro; Lusitano - Portimonense, em Vila Real de Santo António.
- 2.º Domingo — Silves - Lusitano, em Silves; Portimonense - Olhanense, em Portimão.
- 3.º Domingo — Olhanense - Silves, em Olhão; Lusitano - Farense, em Vila Real de Santo António.
- 4.º Domingo — Silves - Portimonense, em Silves; Farense - Olhanense, em Faro.
- 5.º Domingo — Portimonense - Farense, em Portimão; Olhanense - Lusitano, em Olhão.

Os jogos da 2.ª volta efectuam-se nos campos dos clubes indicados em segundo lugar.

Fase de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão

- 1.º Domingo — Lusitano - Boa Esperança, em Vila Real de Santo António; Unidos Sambrazense - Silves, em S. Brás; Louletano - C. F. Esperança, em Loulé.
- 2.º Domingo — Boa Esperança - Unidos Sambrazense, em Portimão; C. F. Esperança - Lusitano, em Lagos; Silves - Louletano, em Silves.
- 3.º Domingo — Louletano - Boa Esperança, em Loulé; Unidos Sambrazense - Lusitano, em S. Brás; C. F. Esperança - Silves, em Lagos.
- 4.º Domingo — Boa Esperança - Silves, em Portimão; Lusitano - Louletano, em Vila Real de Santo António; Unidos Sambrazense - C. F. Esperança, em S. Brás.
- 5.º Domingo — C. F. Esperança - Boa Esperança, em Lagos; Silves - Lusitano, em Silves; Louletano - Unidos Sambrazense, em Loulé.

Os jogos da segunda volta efectuam-se nos campos dos clubes indicados em segundo lugar.

Estas provas, por acordo entre os delegados dos clubes concorrentes e com a concordância da Associação de Futebol de Faro, têm o seu início hoje.

CAMPEONATO DE BILHAR EM LISBOA

No passado mês de Outubro, foi disputada, em Lisboa, uma competição de Bilhar, em que o Algarve foi representado pelo nosso conterrâneo sr. Damião Medeiros, que foi o único bilharista algarvio, salvo erro, em competições oficiais, visto M. Sanchez e o dr. Artur Fernandes terem deixado as competições.

Apresentamos um extracto das competições ganhas por Damião Medeiros:

Campeão de Lisboa na modalidade de Uma Tabela — 2.ª categoria; Campeão de Lisboa na modalidade de Três Tabelas — Escalão A da 5.ª categoria; 2.º em Partida Livre — 3.ª categoria; 3.º em Três Tabelas — 5.ª categoria; 2.º em Uma Tabela — 5.ª categoria.

Nas provas de Uma Tabela, o seu comportamento foi brilhante, pois foi o único jogador que conseguiu média geral suficiente para passar à Segunda Categoria, e nesta D. Medeiros venceu, com inteiro merecimento, só não indo para a Primeira Categoria por, na última partida disputada, ter baixado a sua média geral, que era de 1.ª. As suas médias particulares de 5,44 e 5,55 dão-nos uma ideia exacta do seu valor, pelo que lhe assenta muito bem o título de campeão.

A. R.

ÓCULOS BRANQUINHOS

Encarrega-se de toda e qualquer recolta médica a

PAPELARIA CENTRAL

Praça Marquês de Pombal

Vila Real de Santo António

CONTINUA, COM CRESCENTE ENTUSIASMO A ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO DE OFERENDAS

A FAVOR DO NOSSO HOSPITAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

doentes no nosso Hospital, durante o ano que findou. Hoje, poderemos acrescentar ser este estabelecimento o único na nossa provincia que fornece medicamentos gratuitamente aos seus assistidos pobres, constituindo, precisamente, a verba de medicamentos e a de despesas com a alimentação, as duas somas mais avultadas das suas despesas.

Ora, o que se pretende com a angariação de fundos a favor do Hospital é, principalmente, facultar-lhe os meios indispensáveis para poder ampliar a benemerente acção que tem vindo a desenvolver, e, se possível, criar-lhe as condições necessárias para satisfazer uma antiga aspiração que é, também, uma necessidade imperiosa: a ampliação das

suas actuais instalações, de modo a poder atender cabalmente as crescentes exigências da nossa terra. E isto, estamos certos, é uma aspiração tão justa que não pode deixar-nos indiferentes. E porque é uma obra que interessa a todos nós, vilarrealenses, todos nós temos o dever de colaborar nela, conforme as possibilidades de cada um — e, também, conforme a noção que cada um tem dos seus deveres e das suas obrigações para com o seu semelhante.

Sabemos que os donativos em dinheiro, angariados até agora, montam a algumas dezenas de contos. Todavia, o Hospital conta, também, com a oferta de géneros — e estes comportam tudo o que possa traduzir algum benefício para os que buscam o amparo do Hospital.

Na passada sexta-feira, à noite, realizou-se uma reunião dos componentes das Comissões organizadoras, a fim de serem tratados diversos assuntos que se relacionam com o Cortejo, no qual, além da participação graciosa da Filarmónica de Castro Marim, devem tomar parte numerosas representações de todas as forças vivas locais (comércio, indústria, sindicatos, clubes recreativos e desportivos, escuteiros, etc.), com os respectivos estandartes e os seus elementos mais categorizados.

Esperemos, pois, que o Cortejo de Oferendas a favor da Misericórdia da nossa terra possa constituir, além da significativa e valiosa parada de benemerência e eloquente manifestação de solidariedade, um justo motivo de orgulho para o concelho de Vila Real de Santo António.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

No dia 16 de Novembro de 1956, por 11 horas, no Tribunal desta Comarca, na execução fiscal que corre na Secretaria do mesmo Tribunal contra Alberto António da Silva, proprietário, residente em Alcaria, freguesia de Odeleite, desta comarca, há-de ser posto em praça pela 8.ª vez para ser arrematado por qualquer preço, o seguinte prédio penhorado a aquele executado:

PRÉDIO

O direito a 1/3 parte numa courela de terra de várzea, com oliveiras, no sítio das Corôas, freguesia de Odeleite, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 6.088. Vai à 8.ª praça por qualquer preço.

Fica a cargo do arrematante o pagamento por inteiro da respectiva sisa.

Vila Real de Santo António, 9 de Novembro de 1956.

O Chefe da Secção,

(a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Nunes Correia

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

APELO URGENTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dszenty também já, por várias vezes, dirigiu apelos no mesmo sentido a todas as almas de boa vontade, pedindo que o façam através da «Caritas» de todo o mundo.

Em face de tão horrível tragédia e da palavra do Vaticano, cumpre-nos agir, para valermos, o mais rapidamente e o melhor possível, a tanto sofrimento.

Tudo nos pedem, através da «Caritas Austríaca»: dinheiro para compras imediatas, medicamentos, plasma, lençóis e cobertores, etc., etc.

Também, dentro em breve, serão recebidas em Portugal crianças húngaras, inocentes de tão bárbara guerra, apelando-se para as almas generosas e boas que as recebam no seu seio.

A Comissão Diocesana da Caritas — Seminário de S. José, em Faro — recebe todos os donativos que lhe queiram enviar, bem como a inscrição de famílias que pretendam acarinhar as inocentes crianças húngaras.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TRESPASSA-SE EM LOULÉ

Um estabelecimento situado no melhor local da vila, por motivo de retirada do proprietário.

Informa a Redacção de «A Voz de Loulé», Telefone 216 — LOULÉ.

Fala-se muito na necessidade de desbastar o analfabetismo. Pela nossa parte, não temos a superstição do alfabeto. O alfabeto traz consigo tolas presunções: — a presunção de que, tão depressa se saiba ler e escrever, não mais devemos exercer outra actividade que não seja a das costas dretas; a de que trabalhos vis não estão a carácter de quem vive nos segredos da letra redonda; a de que mais vale ser porteiro num grande palácio do que hortelão numa pequena courela; a de que...

Muito melhor do que o restrito saber ler, escrever e contar é a cerrada preparação profissional num ofício, a sólida educação moral, a boa formação religiosa. O estrito saber ler e escrever é porta aberta para a entrada de muita tráfallice publicada em letra redonda.

Preferível à meia-ciência, à falsa-ciência, colhida na soleitação das gazetas e da literatura de cordel, é a ignorância total do alfabeto. Até certo ponto, essa ignorância imunizará os espíritos contra numerosos vírus infectiosos.

Excelente que se ensine a ler e a escrever, — com a condição, porém, de inculcar nos espíritos a beleza implícita no exercício de uma actividade manual. Excelente ainda se, a par do alfabeto da instrução, se fizer penetrar fundo, — nas almas — o alfabeto da sólida educação moral e religiosa.

MARRECAS DO ESPÍRITO

O estudante, com o pretexto de que cai, exige permanentemente a muleta do professor. E, assim procedendo, procede muito mal. Se é certo que antes de andarmos em dois pés, andamos de gatas, também na vida do espírito forçoso é que primeiro andemos de gatas, antes de nos podermos manter em atitude erecta. Mas porque, a princípio, na transição dos quatro para os dois pés, temos hesitações, e tropeçamos, e caímos, será isso motivo para que nos fiquemos eternamente no andar de gatas, que é mais seguro? Evidentemente que não. Ninguém iria defender esse absurdo.

Pois não tenha também o estudante medo de se erguer do andar de gatas do espírito para a posição algo cambaleante que precede a verdadeira verticalidade. E erga-se, quanto possível, por si mesmo, sem excessivas ajudas. Aprenda-se a andar, andando. Não ser passando procuração a terceiros que aprenderemos a andar.

C'est en forgeant qu'on devient forgeron. Arrede de si a pessimista ideia de que não sabe andar, nas coisas do espírito, sem cambaleiar, sem tropeçar, sem hesitar, sem cair. Ande, ande sempre, e ande por seu pé. Por esse processo, irá ganhando confiança em si mesmo, irá adquirindo verticalidade cada vez maior. Os eternos encostados à muleta alheia ficam marrecas para todo o sempre.

EM DEFESA DA ARTE E DA CULTURA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Direito do Rio, e do prof. Nayer, da Universidade de Lovaina, ou ainda o de tantos e tantos ignorados mas entusiásticos visitantes. E é de esperar, pelo menos, que nesse volume não falte a palestra com o prof. Marcelo Caetano encerrou, na Emissora Nacional, as comemorações, observando-as e mostrando-as na sua exacta perspectiva.

Dois ensinamentos ressaltam das palavras do ministro da Presidência, para além do balanço feito ao êxito alcançado quer pela exposição como pelos seus adjacentes festivais. O primeiro, e bem necessário para terapêutica da tendência pessimista dos portugueses, consiste na clara afirmação de que, «apesar de continuarmos a dispor de um escolar intelectual relativamente pequeno, não deixamos de estar presentes numa vasta frente de sectores culturais.» E que em todos esses sectores, que solicitam a atenção, a imaginação, o esforço criador de tantos homens de ciência, de tantos técnicos, de tantos artistas e homens de letras, «existem não apenas algumas individualidades, mas equipas, grupos e escolas, empenhados em estabelecer a garantia da continuidade dos trabalhos e a progressiva extensão dos seus domínios e da sua eficiência.

O segundo ensinamento foi o de que «a Cultura, a verdadeira, que não se alimenta de ódios nem serve propagandas, a cultura desinteressada que enobrece um povo e o ajuda a viver no ambiente do Espírito, favorecendo o seu

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

A Cigana "Buena Dicha" CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

não mostrando maior cuidado em servir este ou aqueloutro. Porém, a partir de certo mercado, creio que de Silves, notou que um moço quase louro e bem vestido, lhe parecia por toda a parte e em todas elas se mostrava generoso consigo, espalhando dinheiro a jorros a seus pés.

— Que tens tu que fazer por onde eu passo, que sempre te hei-de encontrar? — perguntou-lhe uma vez.

— Tenho uma parelha de mulas para mostrar nas feiras e vender, se fizer bom negócio, e considero-me já meio cigano.

— Onde as tens? — quis saber, muito interessada, sentindo reaparecer-lhe a saudade dos animais de quando ajudava o pai nestas lides.

— Vem comigo, convidou, conduzindo-a junto de duas formosas mulas alentejanas, que acabaram de excitar o entusiasmo da rapariga.

— Bonitos animais, exclamou, como boa entendedora. Quanto pedes por elas?

Ele disse uma cifra bastante elevada, como quem tem pouca vontade de vender.

— Repartes comigo o que deeres a mais?

— Ficas com metade.

Já estava montada numa, com a outra pela arreata, e tocando-lhe com o salto da chinelina nos ilhais, desapareceu no caminho do mercado de gado. A sua entrada naquela atitude produziu um verdadeiro reboliço em quem vendia e em quem mercava, e duas horas depois tinha vendida a parelha com quinhentos escudos acima do preço dado.

Foram fazer a partilha numa barraca, e ele, por fim, em vez de lhe dar a metade combinada do lucro obtido, deu-lho totalmente, por entender que lhe pertencia. Ela mostrou-se tão agradecida que lhe beijou as duas mãos, publicamente.

O rapaz ficou um pouco triste do resultado da venda, que nunca supôs efectuar-se tão rápida, por os animais lhe fazerem muita falta. Ela animou-o, com a promessa de comprar outros numa feira do Baixo Alentejo, e combinaram ir à próxima feira de Almodôvar, que tinha lugar daí a dois meses.

O moço das mulas chamava-se António não sei quê, filho de um pequeno lavrador das Campinas de Faro, cujas propriedades paternas administrava, e tão bem que poucos saberiam administrar melhor.

Inteligente e brioso, tirou alguns anos de liceu, antes de se consagrar inteiramente à vida agrícola, fazendo gala em empregar dinheiro aos doutores que foram seus discípulos e praticando à noite vida de cafés, na cidade.

Os seus alqueives eram executados com vacas, de que possuía gordas juntas, e tinha as mulas

para empregar em trabalhos de sementeira mais leve, como sementeira de batata redonda feita com arado de besta só e conduzir à praça frutas e hortaliças nos elegantes carros regionais.

«Buena Dicha», enquanto esperava pela feira de Almodôvar, fez-lhe algumas visitas à horta, donde levava sempre grande provisão de mimos, bem disfarçados, para que se não dissesse que os roubava.

Na ante-véspera da feira, combinaram onde deviam juntar-se e foi ela quem teve de esperar que António chegasse. Passando diante de uma barraca de coisas bonitas, ele comprou-lhe umas argolas, que lhe chegavam das orelhas aos ombros.

— E' já a paga antecipada do negócio que fiz.

— As condições são as mesmas de Silves.

Repetiu-se o mesmo alvoroço do Algarve, entre compradores e vendedores de gado, quando a viram chegar, em atitude de quem deseja fazer negócio, como no tempo de seu pai, e em menos tempo do que levava a negociar no Algarve tinha comprado uma parelha de mulas, quatrocentos escudos mais baratas do que o preço previsto e que ele lhe entregou totalmente.

— «Buena Dicha» estava comovidíssima.

— Vamos embora para Faro?

— propôs o moço.

— Preciso de trabalhar.

— Eu pago o almoço.

— Entraram numa barraca, donde saíram muito alegres, e um nada cambaleantes. A tarde declinava.

Cada um montou a sua mula e seguiram na direcção de Corte Figueira, pelo caminho velho, através da serra, ela na frente.

— Não me agarras, bradava-lhe, troçando-o e ferindo lume com as ferraduras do animal, no caminho da Serra Nova, Salir, Fonte Morena.

O Sol escondeu-se na passagem por Querença e os dedos dele ainda não conseguiram tocar-lhe num ombro.

— Não me agarras!... — troçou, mais uma vez, na passagem da ribeira, entre moitas perfumadas dos loureiros floridos.

Estavam sobre a ponte do Morgado, era noite cerrada. À porta do... «Céu», meteram à estrada nova do Nexe e quase meia noite batiam à portada da quinta, apando-se ao mesmo tempo.

— Tu jantas comigo — disse-lhe, apanhando-lhe uma das mãos.

— Que vão julgar de nós?! — exclamou, procurando fugir-lhe.

— Estou sózinho em casa, e ninguém te verá entrar.

— Não, não! — exclamou, cheia de medo, conseguindo saltar-se-lhe e deitando a correr, direito a casa dela.

— Vinte passos não seriam dados quando a tocou o arrependimento e só por vergonha não voltou atrás. Ele fora sempre tão generoso consigo.

Esteve mais de duas semanas sem a ver e alguns vizinhos começaram a queixar-se de que lhes desapareciam as galinhas e os coelhos. A cigana era encontrada alta noite, vestida de branco, ou completamente nua, aterrando os cães, que fugiam para casa com a cauda entre as pernas, deixando roubar tudo.

O galinheiro do António não tardará a ser assaltado, com as visitas que ela lhe faz.

— Eu mato-a, se me tocar numa galinha, a grande velhaca, com o bem que eu lhe tenho feito!

Uma noite, ouviu o cão raspar-lhe na porta para entrar. Ele saiu repentinamente à rua, investigando as redondezas e descobriu um vulto sobre a batata doce na partilha do milharal. Correu para ela, e exasperado, gritou-lhe: Velhaca, que fazes aqui?! Não achaste melhor ofício do que roubar galinhas e coelhos? Se me tocas numa ave, parto-te a cara!

E pregou-lhe uma bofetada em cada face. Ela julgou, ao princípio, que estivesse a brincar consigo e ao compreender a verdade, fez meia volta e correu como uma corça.

— Amanhã serás chamada ao comissário e saberás o gosto de estares presa...

Pareceu-lhe ouvir um soluço e não disse mais nada: retirou-se para casa, pensoso de ter falado.

Devia de ser tudo mentira!

Toda a noite não pôde dormir. Levantou-se primeiro que o sol e foi a sua casa a pedir-lhe desculpa. Antes de chegar, viu muita gente, junto de um tanque, donde «Buena Dicha» fora há pouco retirada morta.

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

para empregar em trabalhos de sementeira mais leve, como sementeira de batata redonda feita com arado de besta só e conduzir à praça frutas e hortaliças nos elegantes carros regionais.

«Buena Dicha», enquanto esperava pela feira de Almodôvar, fez-lhe algumas visitas à horta, donde levava sempre grande provisão de mimos, bem disfarçados, para que se não dissesse que os roubava.

Na ante-véspera da feira, combinaram onde deviam juntar-se e foi ela quem teve de esperar que António chegasse. Passando diante de uma barraca de coisas bonitas, ele comprou-lhe umas argolas, que lhe chegavam das orelhas aos ombros.

— E' já a paga antecipada do negócio que fiz.

— As condições são as mesmas de Silves.

Repetiu-se o mesmo alvoroço do Algarve, entre compradores e vendedores de gado, quando a viram chegar, em atitude de quem deseja fazer negócio, como no tempo de seu pai, e em menos tempo do que levava a negociar no Algarve tinha comprado uma parelha de mulas, quatrocentos escudos mais baratas do que o preço previsto e que ele lhe entregou totalmente.

— «Buena Dicha» estava comovidíssima.

— Vamos embora para Faro?

— propôs o moço.

— Preciso de trabalhar.

— Eu pago o almoço.

— Entraram numa barraca, donde saíram muito alegres, e um nada cambaleantes. A tarde declinava.

Cada um montou a sua mula e seguiram na direcção de Corte Figueira, pelo caminho velho, através da serra, ela na frente.

— Não me agarras, bradava-lhe, troçando-o e ferindo lume com as ferraduras do animal, no caminho da Serra Nova, Salir, Fonte Morena.

O Sol escondeu-se na passagem por Querença e os dedos dele ainda não conseguiram tocar-lhe num ombro.

— Não me agarras!... — troçou, mais uma vez, na passagem da ribeira, entre moitas perfumadas dos loureiros floridos.

Estavam sobre a ponte do Morgado, era noite cerrada. À porta do... «Céu», meteram à estrada nova do Nexe e quase meia noite batiam à portada da quinta, apando-se ao mesmo tempo.

— Tu jantas comigo — disse-lhe, apanhando-lhe uma das mãos.

— Que vão julgar de nós?! — exclamou, procurando fugir-lhe.

— Estou sózinho em casa, e ninguém te verá entrar.

— Não, não! — exclamou, cheia de medo, conseguindo saltar-se-lhe e deitando a correr, direito a casa dela.

— Vinte passos não seriam dados quando a tocou o arrependimento e só por vergonha não voltou atrás. Ele fora sempre tão generoso consigo.

Esteve mais de duas semanas sem a ver e alguns vizinhos começaram a queixar-se de que lhes desapareciam as galinhas e os coelhos. A cigana era encontrada alta noite, vestida de branco, ou completamente nua, aterrando os cães, que fugiam para casa com a cauda entre as pernas, deixando roubar tudo.

O galinheiro do António não tardará a ser assaltado, com as visitas que ela lhe faz.

— Eu mato-a, se me tocar numa galinha, a grande velhaca, com o bem que eu lhe tenho feito!

Uma noite, ouviu o cão raspar-lhe na porta para entrar. Ele saiu repentinamente à rua, investigando as redondezas e descobriu um vulto sobre a batata doce na partilha do milharal. Correu para ela, e exasperado, gritou-lhe: Velhaca, que fazes aqui?! Não achaste melhor ofício do que roubar galinhas e coelhos? Se me tocas numa ave, parto-te a cara!

E pregou-lhe uma bofetada em cada face. Ela julgou, ao princípio, que estivesse a brincar consigo e ao compreender a verdade, fez meia volta e correu como uma corça.

— Amanhã serás chamada ao comissário e saberás o gosto de estares presa...

Pareceu-lhe ouvir um soluço e não disse mais nada: retirou-se para casa, pensoso de ter falado.

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

Devia de ser tudo mentira!

perante ante os sentimentos fortes e violentos do homem e a melhor prova da sua inocuidade está no insucesso e na passividade dos mais belos sistemas construídos por convictos idealistas ou por gente possuída do sentimento religioso.

Note que nada estou a dizer de novo, nem suponha que tenho a estultícia de lhe dar lições de história. Numa época de efervescência do pensamento, quando os horizontes se descortinavam os primeiros rumores desse tumulto religioso a que se deu o nome de Reforma, Wyclif observa desesperadamente que «neste mundo Deus deve servir o Diabo». Chegava assim a uma conclusão trágica entre o abismo que separa o ideal do real. Eu vou mais longe: afigura-se-me ver em todos estes cataclismos que têm soprado sobre a consciência humana o fracasso de toda a moral. Rousseau disse algures que o móbil do homem é o interesse. Definiu assim um facto inerente à natureza humana e, por sua vez, caracterizou todo o espírito duma época fundada no interesse individual. Ora, todos mais ou menos estamos de acordo em dar autenticidade ao pensamento de Rousseau.

O interesse egoísta incrustado no indivíduo é o muro onde se têm despedaçado todas as belas intenções. Há milhares de anos que se pregam generosos princípios, e todos verificamos que a natureza humana não sofreu modificações. Reduzir a evolução da humanidade a um conflito entre o bem e o mal, o erro e a verdade, não passa duma fantasia, ou uma ingénua tentativa para simplificar o drama humano. O Homem encerra em si, em embrião, o gérme do déspota, o tirano sempre disposto a exercer a força e o domínio do poder sobre os outros. Mas, se em todo o homem existe, em potência, um pequeno déspota, também todo o homem, pela sua consciência, reconhece o erro e a verdade. Não somos tão destituídos de percepção que possamos viver longos anos de ludíbrio e no erro. E a prova, a prova inofismável, a prova mais gritante é que os homens se sentem obrigados a corrigir os excessos, os exageros das ambições e dos egoísmos, mostrando assim que reconhecem onde está o erro e a ilegitimidade das suas situações. Por isso, eu penso que o homem só se modifica na medida em que as coisas que o cercam tomam novas formas, em que o quadro onde gra-

veludo «grenat». Tornou-se notória a harmonia decorativa do recinto, com o tom dos trajos usados nas cortesias.

Houve, ainda, exhibições de várias escolas de equitação e fez-se o «Jogo da Rosa», que resultou em muita beleza.

O «boquet» final, tudo o que se possa imaginar de mais categoria, esteve a cargo dos oficiais instrutores da Escola de Mafra. À frente, impecável, o sr. tenente-coronel Pais, cavaleiro olímpico, montado na famosa égua «Imperatriz». Ao som da musica, as evoluções surgiam como por encanto, fosse como no início da apresentação, em passo a ladear — um autêntico primor — fosse, depois, no galope, fosse, ainda e por fim, na «passage». Os mestres equitadores militares pareciam não se mexer nos selins, erectos, impávidos.

Durante todas as noites das «Festas do Outono», o público divertiu-se na Feira Franca, erguida nos terrenos do Campo Grande. Poderia dizer-se que não era só Lisboa que ali estava, era a alma de Portugal inteiro, que sabe divertir-se e evocar as suas melhores tradições.

Antes, eu acreditava no apelo à razão humana. Achava que todo o equívoco do homem residia na ignorância e, por isso, empenhei-me num trabalho que procurava o esclarecimento, nessa cãndida ilusão de que os homens se renderiam à evidência, à verdade dos argumentos. O apelo à razão! Extraordinário trabalho este, sem dúvida, mas insuficiente.

«O corpo magro enterrado na cadeira, o homem balança as pernas, e eu distinguia no seu rosto sulcado de rugas os seus olhos cheios de inteligência e vivacidade. Voluptuosamente, abria as largas narinas ao odor sensual dos cravos vermelhos. Ergui-me e corri as estantes, e li alguns nomes de autores — um mundo simultaneamente curto e vivo, sempre pronto a responder às angústias dos homens. Fitando-o, interpelei-o, um pouco brutalmente:

Então, o senhor deixou de acreditar no poder do homem? Pergunta estúpida, ociosa, descabida. O mesmo sorriso fugaz, rápido no rosto envelhecido e concentrado. E a sua voz tímida, a mesma voz ausente de paixão. — «Como todos se enganam. Abra-me aquela janela.» Uma lufada de vento agitou os cravos vermelhos e rumorejou nos papéis que cobriam a escrivaninha.

Ambos olhámos a noite, uma noite profunda, um céu escuro a cobrir a cidade, e aos nossos ouvidos novamente se fez ouvir a presença humana que subia da rua, a presença humana traduzida em vozes, indistintos rumores, uma voz débil de criança que chorava ou cantava e que certamente significava a ansia, a vontade e a alegria de viver.

Rodrigues Pena

Visado pela Comissão de Censura

GASAS

Vendem-se duas moradias de casas, na Rua Piçeiro Chagas.

Informa-se na Fábrica Ramirez & C.ª Lda., Rua dr. Miguel Bombarda - Vila Real de Santo António.

S. N.

vita lhe pode proporcionar um novo estilo de vida. Conheci homens em diferentes situações e sempre que se processavam modificações na sua existência, o seu pensamento apresentava novos matizes e cambiantes. O homem de ontem era para mim irreconhecível, um ser diferente, pautando a sua existência por novas fórmulas e novos conceitos. Alguns ainda teimavam em assegurar a sua coerência, mas acabavam por traí-la. Por isso, tenho meditado muito no império das paixões sobre a natureza humana, o poder das paixões e das coisas sobre o homem. Ora, parece-me que, se pretendermos modificar o homem, teremos de começar por aniquilar a tirania ou o império das coisas.

Aproveitei a sua interrupção e arrisquei: Então, no seu entender, a persuasão, as generosas ideias, o bom exemplo, em suma: a moral não tem aquela influência que até agora se lhe atribuiu? Ainda há pouco o meu amigo citou Maquiavel, e julgo bem que Maquiavel foi bem um homem do seu tempo e a melhor justificação é que os modelos de que se serviu excedem e superam os retratos que deles nos deixou?

Um sorriso rápido assomou-lhe aos lábios e continuou, na sua voz cansada, uma voz arrastada, num tom ausente de paixão: «Não, não vejo completamente a influência da moral, apenas oponho à sua acção fortes limitações. Para mim, deve começar-se por modificar o casulo e só então cuidar do bicho. O homem é um ser que dificilmente se convence e é também o que mais facilidades e argumentos encontra para justificar os seus actos e a sua conduta. Cada um de nós encontra na sua consciência a justificação para se testemunhar não só aos seus próprios como aos dos outros. O homem mais sórdido e que nunca recua perante as concepções mais audaciosas acha sempre meios de justificar as maiores patifarias. No fundo, todos, por mais inquietos que nos apresentemos, pretendemos ter sempre uma consciência sossegada. Cada um de nós proclama a sua verdade e não há outra verdade, por mais eloquente ou persuasiva, que nos demova do erro.

Antes, eu acreditava no apelo à razão humana. Achava que todo o equívoco do homem residia na ignorância e, por isso, empenhei-me num trabalho que procurava o esclarecimento, nessa cãndida ilusão de que os homens se renderiam à evidência, à verdade dos argumentos. O apelo à razão! Extraordinário trabalho este, sem dúvida, mas insuficiente.

«O corpo magro enterrado na cadeira, o homem balança as pernas, e eu distinguia no seu rosto sulcado de rugas os seus olhos cheios de inteligência e vivacidade. Voluptuosamente, abria as largas narinas ao odor sensual dos cravos vermelhos. Ergui-me e corri as estantes, e li alguns nomes de autores — um mundo simultaneamente curto e vivo, sempre pronto a responder às angústias dos homens. Fitando-o, interpelei-o, um pouco brutalmente:

Então, o senhor deixou de acreditar no poder do homem? Pergunta estúpida, ociosa, descabida. O mesmo sorriso fugaz, rápido no rosto envelhecido e concentrado. E a sua voz tímida, a mesma voz ausente de paixão. — «Como todos se enganam. Abra-me aquela janela.» Uma lufada de vento agitou os cravos vermelhos e rumorejou nos papéis que cobriam a escrivaninha.

Ambos olhámos a noite, uma noite profunda, um céu escuro a cobrir a cidade, e aos nossos ouvidos novamente se fez ouvir a presença humana que subia da rua, a presença humana traduzida em vozes, indistintos rumores, uma voz débil de criança que chorava ou cantava e que certamente significava a ansia, a vontade e a alegria de viver.

Rodrigues Pena

Visado pela Comissão de Censura

GASAS

Vendem-se duas moradias de casas, na Rua Piçeiro Chagas.

Informa-se na Fábrica Ramirez & C.ª Lda., Rua dr. Miguel Bombarda - Vila Real de Santo António.

S. N.